

## **A TRANSIÇÃO DOS ANOS INICIAIS PARA OS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: UM OLHAR DOS ALUNOS DA ESCOLA BÁSICA FREI DAMIÃO SOBRE A EDUCAÇÃO E AS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO**

Djeovana da Silva Raulino<sup>1</sup>

Priscila Cani Vieira<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo traz uma discussão diante da transição do Ensino Fundamental 1 (5º ano/ 4ª série) para o Ensino Fundamental 2 (6º ano/ 5ª série) através do olhar do aluno do 6º ano da Escola Básica Frei Damião, no qual foi realizado um questionário, que visa compreender e minimizar os efeitos desta mudança. A Escola Básica Frei Damião, está situada no município de Palhoça, e oferece Ensino Fundamental, que este é dividido em duas fases: Anos Iniciais, que vão do 1º ao 5º ano; e Anos Finais, que trabalham de 6º ao 9º ano. A escola está situada em um bairro de grande vulnerabilidade social do município de Palhoça, e no 6º ano é onde temos uma maior evasão escolar e repetência. Para isso, constatamos quais são as frustrações e insatisfações com essa nova etapa de ensino. Para que possamos avançar nesse sentido, é de suma importância conhecer o que se passa na vida escolar do educando para que possamos propor alternativas de transições pedagógicas. Pensando nessas alternativas, buscamos as tecnologias da informação como uma ferramenta que auxilia o aluno em um maior aproveitamento das aulas, já que nossos alunos vivem em um tempo tecnológico e com as TIC's é possível tornar o ensino mais lúdico.

**Palavras-chave:** Ensino Fundamental. Educação. Tecnologias da informação.

O Ensino Fundamental tem como característica a inicialização e formalização da educação, nele está a formação básica que o sujeito precisará para alcançar os graus mais elevados nos estudos. Os nove anos do Ensino Fundamental

---

<sup>1</sup> Djeovana da Silva Raulino: Arte-educadora, formada pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) em 2012. Especialista em Psicopedagogia Institucional e Gestão e Docência em Educação Integral pela Faculdade Municipal de Palhoça (FMP). Acadêmica de mestrado do curso de Ciências da Educação pela Unigrendal College e University. E-mail: djeovanasraulino@gmail.com

<sup>2</sup> Priscila Cani Vieira: licenciada em Ciências da Natureza com habilitação em Química pelo Instituto Federal de Santa Catarina. Especialista em Gestão e Docência em Educação Integral pela Faculdade Municipal de Palhoça. Acadêmica de mestrado do curso de Ciências da Educação pela Unigrendal College e University. E-mail: priscila.cani18@gmail.com

compreendem momentos de alfabetização e socialização até o início das matérias mais aprofundadas, porém ele é dividido em duas etapas: Anos Iniciais (1º a 5º ano) e Anos Finais (6º a 9º ano).

No ano de 1996, o Ensino Fundamental passou a ser obrigatório em território nacional, devido a Lei nº 9.394/96, que em conjunto com Educação Infantil e Ensino Médio passaram a vigorar no país chamando-se de Educação Básica. Entretanto, apenas em 2009 através da Emenda Constitucional nº 59/2009, a Educação Básica aumenta e passa ser obrigatória dos 4 aos 17 anos. Conforme a Lei nº 9.394/96:

Art. 2º A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Estes adventos da obrigatoriedade do ensino desde os anos 90, trazem uma menor taxa de analfabetismo nos dias atuais. Visto dados dispostos pelo IBGE<sup>3</sup> e PNAD<sup>4</sup> no ano de 2015, entre os anos de 2001 a 2014, houve uma redução de 2,5 milhões de analfabetos. Os números do analfabetismo ainda são muito grandes, porém notamos que a pesquisa traz como as maiores taxas entre pessoas dos 49 anos para cima, isso pode nos trazer como entendimento que a obrigatoriedade do Ensino Fundamental, trouxe melhorias das taxas do analfabetismo.

Como composição do Ensino Fundamental, a Lei 9.394/96, apresenta uma série de itens que se fazem obrigatórios em todo o território nacional, seja ela pública ou particular. O ensino tem duração como base 9 anos, é iniciado aos 4 anos, no pré-escolar, com duração mínima de 4 horas em ambiente de aprendizagem sendo possível ampliação desta carga horária 800 horas com 200 dias de trabalho educacional. Considerando a Lei 9.394/96, ela propõe a oferta que o Ensino Fundamental seja em ciclos.

---

<sup>3</sup> Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

<sup>4</sup> Pesquisa Nacional por Amostra em Domicílios.

No Brasil, conforme dados consolidados de 2003, apontavam que existiam 34,4 milhões de alunos matriculados no ensino fundamental regular, sendo 17,1 milhões do 1º ao 5º ano e 13,9 milhões do 6º ao 9º ano, ou seja, cerca de 3,2 milhões de alunos a menos (20%). E isso aponta uma grande desigualdade da permanência destes alunos na escola.

O autor Santos (2017) nos esclarece a temática informando que existe uma desarticulação entre o ensino fundamental I e fundamental II que passou a ficar evidenciado a partir do processo de municipalização dos anos iniciais nas últimas décadas. Na rede municipal do Paraná o impacto desta separação já havia sido documentado conforme trecho:

O processo de municipalização está provocando uma separação rígida, que não poderia haver no campo da educação pública, quanto às responsabilidades de cada esfera de governo. A responsabilidade pelo ensino fundamental não é exclusiva dos municípios, mas também do Estado e da União, na medida em que estes são, em última instância, os responsáveis pela formulação de políticas que irão se refletir nas políticas municipais. (Santos, 2017 *apud* Ipardes, 1996).

Santos (2017), ainda afirma que este relatório informava que o processo de municipalização cria uma segmentação dentro do próprio ensino fundamental, fazendo com que a nova estrutura dos cursos de 1ª a 5ª ano provocasse a exclusão dos alunos da próxima fase – 6ª a 9ª ano (Santos, 2017 *apud* Ipardes, 1996, p. 93).

Mas não é somente o processo de municipalização o agente causador da taxa de reprovação. Santos (2017) constatou que em escolas que ofereciam ensino fundamental I e II na mesma administração escolar a taxa de reprovação era considerável, surgindo a necessidade de uma investigação mais profunda sobre as causas do insucesso do estudante.

No município de Palhoça, a Escola Básica Frei Damião, atende crianças e adolescentes dos 6 aos 15 anos de idades. O bairro, Frei Damião, está situado na divisa com a cidade de São José e é uma comunidade que vive em grande vulnerabilidade social. A comunidade existe há pelo menos 25 anos e a escola está em funcionamento desde o ano de 2003. Inicialmente era um grupo escolar, com

turmas de 1º a 5º ano, porém com o aumento populacional na região a escola ampliou e atende todo os anos do Ensino Fundamental. Hoje são ofertadas vagas de 1º a 9º ano, sendo que as turmas com maior número geralmente estão entre os 5ª e 6ª anos. Na escola, percebe-se em conversas entre professores, o desanimo que estes alunos trazem para sala de aula como também as notas que em geral são baixas.

No ano de 2016, a Escola Básica Frei Damião, segundo censo escolar disponibilizado pela escola, apresentou uma evasão escolar em torno de 7%. Por ser uma unidade de ensino situada em um bairro de grande vulnerabilidade social, segundo Neri (2015), a evasão escolar está intimamente ligada com a pobreza e o trabalho infantil prejudica a obtenção de melhores níveis educacionais. A grande maioria dos estudantes são filhos de catadores de materiais reciclados, alguns destes alunos ajudam no trabalho diário dos pais, que muitas vezes é feito durante o período noturno ou contra turno escolar, o que acaba ajudando a desmotivar por conta do cansaço.

Diante dos obstáculos para a permanência escolar e percebendo que justamente nessa nova etapa de ensino são realizadas as maiores mudanças para o estudante, elaboramos as questões a seguir com o intuito de avaliar o olhar do aluno sobre esta transição.

A primeira questão tratada com os alunos foi saber *quais as diferenças percebidas em relação ao ensino fundamental I e II*, no qual ficou evidente o grau de dificuldade que os estudantes possuem nessa nova etapa de ensino.

Aluno 1: *a diferença é que o ensino é diferente as matérias são mais difíceis e sempre mais importante e etc.*

Aluno 2: *as matérias são mais puxadas, os trabalhos mais difíceis e mais professores.*

Aluno 3: *o 5º ano é mais fácil porque tem só uma professora na sala.*

Aluno 4: *a dificuldade é que as matérias são mais pesadas.*

Aluno 5: *as matérias e os professores.*

Aluno 6: *diferença entre a disciplina, matérias mais aplicadas, responsabilidade nos horários e atividades.*

Quadro 1 – Quais diferenças entre o Ensino Fundamental 1 e 2?

Esta dificuldade atribuída pelos alunos, segundo a pesquisa de Santos (2017) realizada com professores de escolas estaduais do município de Curitiba, é decorrente de dois pontos: a dificuldade de aprendizagem que tem como relação o interesse, a insegurança e a dificuldade que existe na adaptação do aluno ao novo ciclo estudantil, como também a formação de professores, pois estes nem sempre estão aptos a compreender que o primeiro ano do Ensino Fundamental II é composto do último ano da infância. Considerando a Lei nº 8.069, publicada em 13 de julho de 1990:

Art. 2º Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade.

Geralmente as dificuldades de aprendizagem estão associadas a falta de compreensão nos conteúdos básicos das disciplinas de Matemática e Língua Portuguesa, dentre eles as quatro operações, resolução de problemas, escrita, leitura, interpretação de texto. Ao serem questionados sobre a forma de ensinar, prevaleceu à questão do horário e a importância das disciplinas:

Aluno 1: *existe muita diferença porque as matérias de hoje para do 5º ano são muito diferentes e mais importantes.*

Aluno 2: *sim existe diferença, mudou o tempo de aula e as matérias mudam muitas vezes.*

Aluno 3: *tem muitas diferenças o horário.*

Aluno 4: *Existe, mudou o tempo porque uma prova do 5º ano tem 5 horas e no 6º ano é menos tempo e mais dificuldade.*

Aluno 5: *sim, porque cada professor dá uma matéria diferente.*

Aluno 6: *a diferença é que os alunos são tratados com maturidade, um pouco talvez depende do aluno.*

Quadro 2 – Existe diferença da forma de ensinar do professor do Ensino Fundamental 1 para o professor do Ensino Fundamental 2?

Apesar do tempo de aula dos dois ciclos serem os mesmos, os alunos acreditam que esse período é mais curto, ocasionado pela mudança de professores

o que os deixa confusos. Um dos alunos fala sobre a maturidade com que são tratados, no sentido de que tenham mais responsabilidades e autonomia, porém acaba frustrando aqueles que não conseguem se adequar ao processo. Esta questão é evidenciada na pesquisa de Santos (2017), conforme trecho de um dos professores entrevistados:

O aluno que chega no 6º ano vem cheio de curiosidades, expectativas, ingressam na série animados e ansiosos pelo novo e, diante das dificuldades que vão encontrando diariamente, se desmotivam, perdem muitas vezes o interesse por não se perceberem aptos à série que estão.

No registro dos alunos do próximo questionamento, fica evidente a falta do pedagogo. *O que gostariam que fosse mantido do Ensino Fundamental I para o II?*

Aluno 1: *mais carteiras e livros.*

Aluno 2: *nada, queria todos os professores.*

Aluno 3: *ter uma professora.*

Aluno 4: *ter um professor.*

Aluno 5: *os professores e a turma.*

Aluno 6: *De um professor para vários professores.*

Quadro 3 – O que gostariam que fosse mantido do Ensino Fundamental I para o II?

É de se pensar sobre a falta de referência que estes alunos têm diante dos desafios desse processo, voltamos a questionar sobre a quantidade de matérias e sobre como se sentem:

Aluno 1: *eu me sinto bem aprendendo e isso é e vai ser bom para o futuro.*

Aluno 2: *é bom e ruim, eu me sinto perdido e acho que na aula fico com muitas dúvidas, mas sim é bom porque assim ganho mais experiências.*

Aluno 3: *com muitas matérias eu me sinto mal porque é muitas coisas para fazer.*

Aluno 4: *é bom porque se sente mais enturmado com os alunos e professores.*

Aluno 5: *eu me sinto muito ruim, porque as coisas a gente se sente perdido e as matérias tem que ser em 45 minutos.*

Aluno 6: *esse processo é meio chato, mas eu sei que é necessário para o desenvolvimento da minha vida.*

Quadro 4 – Como você se sente com diferentes matérias e diferentes professores?

Na resposta dos alunos percebemos certa angústia nesta nova etapa de ensino. Se olharmos historicamente este processo é fruto de uma articulação entre séries praticamente inexistente tanto no âmbito administrativo como no pedagógico, questões essas afirmadas por Cainelli (*apud* SANTOS, 2017)

A transição da quarta para quinta série ou sexto ano no Paraná é mediada por mudanças significativas para os alunos. O sentimento de terminalidade de uma etapa educacional é reforçado pelo modelo que impõe uma articulação Estado/município praticamente inexistente, tanto no âmbito administrativo como no pedagógico. As primeiras séries do ensino fundamental público são de responsabilidade dos municípios e as séries finais, assim como o ensino médio, ficam a cargo do Estado. Em que âmbito se constitui na prática esta passagem entre os níveis de ensino? Seria uma transição articuladora ou desarticuladora? Enquanto estruturas distintas, estes espaços não se articulam de forma a propiciar uma continuidade de propostas pedagógicas e caracterizam-se por serem redes de ensino distintas, o que dificulta o processo de transição do aluno da rede municipal para a estadual.

Outro fato que interfere nesta transição segundo Santos (2017) é quanto a própria organização do ensino. Do 1º ao 5º ano os alunos são atendidos por um número menor de professores, estando presente um professor pedagogo que cria um maior vínculo com os alunos. Os horários não possuem tanta rigidez, comparados aos horários definidos do 6º ao 9º ano, que seguem de 45 minutos hora/aula. Quanto à adaptação com os novos horários um dos alunos destacou que este tempo seria pouco para uma aula, conforme descrito abaixo:

Aluno 1: *Nós estudava de manhã e agora é de tarde e de 4:30 hs para 5:00 hs e vai ser bom.*

Aluno 2: *foi bom estudar a tarde assim eu penso melhor e foi fácil se adaptar.*

Aluno 3: *eu estudava de manhã e o tempo passava mais rápido e a tarde ficava livre.*

Aluno 4: *e acho corrido porque 45 minutos passa rápido, mas estou me adaptando.*

Aluno 5: *eu estudava de manhã e aula foi e passava muito rápido e a tarde é muito devagar.*

Aluno 6: *me sinto tranquilo porque já me adaptei.*

Quadro 5 – Você se adaptou ao horário de aula?

Essa divisão do tempo é consequência dos construtos da administração que permeiam a educação desde a criação das escolas. Porém, da mesma forma que o 6º ano, o 5º ano apresenta divisão por disciplinas, mas existia uma flexibilidade entre o professor e suas metodologias. Algumas conversas relatadas durante a aplicação do questionário, é que uma das professoras pedagogas dos Anos Iniciais em 2016 trabalhava com assuntos que eram possíveis falar sobre diversas disciplinas, ou seja, trabalhava a interdisciplinaridade e principalmente, levava por diversas vezes os alunos para aulas através de filmes, vídeos e imagens apresentados pelo projetor da escola.

Outra questão envolveu a tecnologia: Vocês são frutos de uma nova geração, que faz parte da era tecnológica. Vocês fazem uso dos recursos tecnológicos? Caso afirmativo, tem facilitado no processo de aprendizagem?

Aluno 1: *não porque a escola não fornece material de pesquisa tecnológica.*

Aluno 2: *não porque a escola não fornece informática aos alunos.*

Aluno 3: *não, a escola não tem nada disto.*

Aluno 4: *não porque a escola não fornece isso para os alunos.*

Aluno 5: *não porque a escola não autoriza.*

Aluno 6: *não porque a escola não fornece essa ferramenta para o aluno.*

Quadro 6 – Vocês fazem uso de recursos tecnológicos em sala de aula?

A escola em questão tem uma sala que dispõem de um projetor e alguns notebooks e tablets, porém nem todos os professores fazem projetos para utilizá-la. A última pergunta indagou sobre: *Quais tecnológicas da informação (aplicativos, sites) que de alguma forma ajudou ou poderia ajudar nas disciplinas da escola?*

Aluno 1: *uma frente de materiais tecnológicos para aprender.*

Aluno 2: *a criação de aplicativos e jogos.*

Aluno 3: *Nos jogos.*

Aluno 4: *Jogos de estratégia, de raciocínio e outros.*

Aluno 5: *informática e em casa jogos e youtube.*

Aluno 6: *Google.*

Quadro 7 – Alguma ferramenta tecnológica te ajuda ou poderia ajudar na escola?

Algumas das ferramentas mais citadas foram as de pesquisa, no qual eles utilizam para realizar trabalhos para diferentes disciplinas como também para acessar curiosidades particulares. Um dos alunos sugeriu jogos e explicou que aprendeu a língua inglesa através deles. O *Youtube* é um dos aplicativos utilizados nas aulas de Artes e História para exemplificar os conteúdos, os alunos gostam, pois tem imagens e diferentes abordagens.

Observa-se através dos dados coletados da pesquisa, que os entrevistados sentem dificuldade quanto à transição do Ensino Fundamental I para o II, e muitos são os fatores que implicam neste processo que vão desde a própria má formação nas etapas anteriores até a falta de articulação entre as etapas de ensino. Os alunos sugerem aulas mais lúdicas e práticas interdisciplinares despertando maior interesse e uma melhor compreensão dos conteúdos. Gostariam que fossem mais utilizados os recursos tecnológicos, pois esta é uma ferramenta dinâmica que possibilita uma maior interação com o campo do conhecimento. Sendo assim, com o intuito de uma menor taxa de evasão e de repetência dos estudantes da Escola Básica Frei Damião, sugere-se uma ampla pesquisa das reais necessidades e atenções que devem ser dadas a este processo de transição desde o início do 5º ano até o final do 6º ano com professores e alunos.

## REFERENCIAS

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente (1990). Estatuto da criança e do adolescente: Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, Lei n. 8.242, de 12 de outubro de 1991.** – 3. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2001.

BRASIL. [Ministério da Educação (MEC)] **Fixa Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos.** Resolução, nº 7, 14 de dezembro de 2010.

NERI, Marcelo et al. **O tempo de permanência na Escola e as Motivações dos Sem-escolas.** Rio de Janeiro: FGV/IBRE, CPS, 2009.

PARO, Henrique Vitor. **Gestão escolar democrática,** 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WhvyRmJatRs>>. Acesso em 29 jun. 2017

ROCHA, Adnelma Lima da. **O ensino fundamental no Brasil – uma análise da efetivação do direito à educação obrigatória.** ANPAE, 2014. Disponível em:  
<[http://www.anpae.org.br/IBERO\\_AMERICANO\\_IV/GT1/GT1\\_Comunicacao/IdnelmaLimadaRocha\\_GT1\\_integral.pdf](http://www.anpae.org.br/IBERO_AMERICANO_IV/GT1/GT1_Comunicacao/IdnelmaLimadaRocha_GT1_integral.pdf)>. Acesso em: 1 set. 2017.

SANTOS, Maurício Pastor e GISI, Maria Lourdes. **A (des)articulação do ensino fundamental e a formação dos professores.** Rev. Bras. Estud. Pedagog., 2017.